

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DECLAVE**

**RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**Elzira Monteiro Lobão Schott**

**Orientador: Profº Antonio Marcos Vieira Sanseverino**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**ELZIRA MONTEIRO LOBÃO SCHOTT**

**O ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de licenciado em Letras, sob a orientação do Professor Antonio Marcos Vieira Sanseverino.**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

*Ao meu esposo Vital Schott e filhos, Jéssica e Lucas Schott, molas propulsoras para o alcance desse objetivo.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, pois sem Ele nada é possível.

Aos meus pais e irmãos, que mesmo distante torceram e confiaram em mim.

Agradeço a todos que de alguma forma, trilharam essa estrada comigo até agora.

Aos professores e colegas pelo conhecimento compartilhado.

Aos sorrisos que iluminaram os dias sombrios.

Ao abraço apertado e quentinho no frio do inverno.

À palavra de ânimo naquela hora de desânimo e desespero.

Aos amigos que aguentaram minha bagunça durante esse curso e que me levaram para tomar umas cervejas quando era necessário me distrair.

Ao meu orientador, por toda atenção dispensada, todo zelo e dedicação durante a realização do trabalho. Mas, principalmente por sua simplicidade e profissionalismo, que foram constantes.

*“Cubra-me. Descubra-me. Ao descobrir-me, revela todas as minhas possibilidades.”*

*Elzira M. L. Schott*

## RESUMO

O presente trabalho visa discutir como ocorre o ensino de literatura, fundamental, em uma escola pública brasileira, bem como apresentar as dificuldades em se propor a realização de ensino desta de forma inteligente, criativa e prazerosa.

Pretende discutir acerca da metodologia usada pelo professor, à metodologia exigida pela escola, o limitado hábito de ler do aluno, entre outros fatores que transformam o ensino de literatura pouco atrativo, cansativo e ineficaz.

Entender qual o papel do ensino de literatura no currículo escolar, qual a objetividade ao ensiná-la, qual sua possível ação sobre o aluno, seu comprometimento com a realidade, sua influência na língua, sua importância no desenvolvimento de estruturas de pensamento, como ela reverbera no desenvolvimento do raciocínio lógico do aluno.

Palavras-chave: *literatura; ensino; escola.*

## **ABSTRACT**

This paper aims to discuss how fares the teaching of literature in elementary school, in Brazilian public schools, as well as presenting difficulties in proposing the realization of teaching this smart, creative and enjoyable.

Discuss about the methodology used by the teacher, the methodology required by the school, the limited reading habit of students, among other factors that transform the teaching of literature unattractive, tiring and ineffective.

Understanding the role of the teaching of literature in the school curriculum, which objectivity to teach it, what its possible action on the student's commitment to reality, their influence on language, its importance in the development of structures of thought, as she reverberates in the development of logical reasoning of the student.

Key-words: *literature; teaching; school.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1.2 LITERATURA BRASILEIRA .....</b>	<b>10</b>
<b>1.3 LITERATURA E ENSINO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.4 LITERATURA E USO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 MÉTODO DE ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 A AULA DE LITERATURA PELO OLHAR DO PROFESSOR.....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 A AULA DE LITERATURA PELO OLHAR DO ALUNO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>24</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>25</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>26</b>



## INTRODUÇÃO

O eixo norteador dessa monografia consiste em analisar as deficiências referentes ao ensino de Literatura Brasileira nas escolas públicas, no Ensino Fundamental. Baseando-se nos estudos de Piacentini (1983), o desinteresse demonstrado pelos alunos por qualquer tipo de leitura, principalmente sendo uma leitura extensa, é um dos graves problemas enfrentados pelos professores de Língua e Literatura. Esse fato, no entanto, independe, muitas vezes, dos próprios alunos, como é o caso daqueles que tem o livro didático como único meio de introdução à literatura e seus autores, pois eles não recebem outra orientação de leitura que amplie seu repertório para além disso.

Muitas vezes a leitura literária se restringe aos textos contidos nos livros didáticos, é feita de forma obrigatória para posterior aplicação de exercícios interpretativos e gramaticais ou apenas tem como finalidade uma prova objetiva ou uma ficha de leitura. Cabe, então, ao professor reavaliar sua metodologia, discutir com seus alunos sobre o que mais lhes agrada ler, para, assim, ensaiar um ensino de literatura em uma atividade inteligente, criativa, prazerosa e também transformadora que parte do universo cultural do aluno.

Segundo Cosson (2012), no Ensino Fundamental, a literatura é apresentada com um sentido tão amplo que qualquer texto escrito que apresente traços de ficção ou poesia é considerado “Literatura”, deixando de lado os limites que a diferenciam: temática e linguagem. Além de ser compatível com os interesses dos alunos, do professor e da escola, o professor deve partir de leitura direta de obras que sirvam de base para a definição do literário. Podem ser curtos, atuais e divertidos, como a crônica, talvez o gênero preferido e mais usado.

Nesse “vale tudo”, os textos tidos como literários são restritos às atividades especiais de leitura ou como atividade extraclasse, pois são, ainda segundo Cosson (2012), considerados

inadequados como material de leitura ou modelo de escrita escolar. A Literatura já não atua mais nem como referência de língua padrão, nem para a formação do leitor.

As atividades de leitura desenvolvidas nas escolas não levam em conta o perfil de leitura do aluno. Há aqueles quem tem o hábito de leitura formado no âmbito familiar e conseguem ler pelo prazer de ler e há aqueles que leem apenas por obrigação ou para dominar as informações exigidas pelo professor. Cabe ao professor de língua e literatura pensar atividades que despertem o interesse e levem a formação de leitor de todos seus alunos.

As interpretações dos textos contidos nos livros didáticos são, predominantemente, durante todo o Ensino Fundamental, feitas a partir de resumos, textos incompletos, fichas de leitura, recortando o que foi lido. Não há uma preocupação em despertar e aproveitar a criatividade do aluno. O prazer que ele pode adquirir através da leitura lhe é barrado, o que acaba contribuindo para a aversão, visível nas escolas, aos textos e obras literárias e à leitura como um todo.

## **LITERATURA BRASILEIRA**

Nas últimas décadas, a cultura brasileira sofreu muitas mudanças no que diz respeito às novas tecnologias; sofreu diversas crises no campo político e social; promoveu mudanças no sistema educacional; reformulou o ensino de gramática; entretanto, pouco de fez em relação ao ensino de Literatura Brasileira nas escolas públicas e, em especial à Literatura no Ensino Fundamental.

No Ensino Fundamental, predomina o interesse de fazer ler para formar leitores, seduzindo-os para o registro escrito e para a fruição do texto. Para tanto, compete à escola promover a leitura de textos que privilegiem a construção de um repertório mais amplo de obras e de gêneros diversos. Na escola, a experiência de ler deveria objetivar que a compreensão de que uma leitura competente se realiza como interação social, que pode estar vinculada a uma necessidade prática, mas às vezes não responde a nenhuma demanda imediata. Sendo assim, podemos questionar quanto à relevância da Literatura na formação do aluno na educação básica pública.

A Literatura entra geralmente pela porta da disciplina de “Língua Portuguesa”, num percentual que, nem sempre, é certo ou objetivo, pois depende da organização curricular e do conhecimento pedagógico do professor. Se temos um leitor de literatura, as aulas são enriquecidas com textos literários; se não, as aulas tendem a ficar apenas como exemplos do livro didático. Caberia pensar um currículo de língua portuguesa que já incorporasse a literatura como parte constitutiva.

No Ensino Médio, a Literatura entra como disciplina obrigatória e independente do ensino de Língua Portuguesa. Esse período é considerado o estágio de consolidação da formação do leitor que, através da leitura literária, ampliaria seu conhecimento a respeito da literatura brasileira. O estudo da Literatura no Ensino Médio buscaria desenvolver conhecimentos e competências que tornassem o aluno apto a refletir sobre a língua como objeto de cultura e, portanto, patrimônio da sociedade. Principalmente, obra deve ser vista como parte de sua própria existência.

A Literatura é exercício de liberdade que se constrói através da linguagem e que responde a demandas subjetivas que proporcionam a um só tempo satisfação pessoal e conhecimento do mundo. Estimula, ainda, a interação com o meio social, podendo até transformá-lo, uma vez que desenvolve a capacidade de crítica e reflexão do leitor a respeito da realidade.

Convém lembrar que a educação literária contribui para a formação do indivíduo, favorecendo sua socialização através dos textos que retratam as diferentes gerações, diferentes relações, diferentes contextos sociais e atividades humanas através da linguagem.

Apesar desse espaço adquirido, não é difícil perceber que a disciplina é pouco apreciada por grande parte dos alunos. Muitos desses discentes demonstram certa aversão à leitura e à Literatura. Cabe pensar a causa. Provavelmente, haja um ensino centrado na história da literatura, na informação sobre autores, no comentário sobre estilos de época, de tal modo que o texto literário serve apenas como exemplo para reconhecimento de características definidas pelo professor. Nesse sentido, a leitura da obra pelo aluno não está em causa.

## LITERATURA E ENSINO

Alguns educadores reclamam do crescente desinteresse dos alunos de todas as séries pela leitura. As razões atribuídas são muitas e diferentes para a ocorrência desse fato: decadência do ensino, excesso de facilidade no processo educacional, muitas forma de diversão (televisão, videogame, computador, internet...), despreparo do professor, etc. É difícil definir a causa real desse desinteresse, mas se deve pensar a literatura e seu ensino dentro desse novo contexto.

Percebe-se, que a literatura por si só não tem despertado o “prazer de ler”. Procura-se explicação para esse desprazer pela leitura literária apresentado por alunos na última série do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio. Como pode a leitura literária causar tanto aversão desprazer em alguns alunos, considerando que esta mesma literatura levou-o ao mundo da fantasia quando criança, fez parte do seu imaginário, fez com que lesse versinhos, lesse poemas e sonhasse com histórias que lia ou ouvia. Em que momento da vida desse aluno a leitura literária deixou de ser importante? Que motivos o levaram a se distanciar desta literatura que tanto o encantava?

De fato, as crianças passam pela escola e, em muitos casos, saem pior do que entraram, pois, quando iniciam sua vida escolar, demonstram um gosto pela Literatura, pela leitura e vão perdendo esse interesse quando avançam no processo de escolarização e alfabetização. Quando chegam ao fim do Ensino Fundamental, então, não é estranho dizerem que não gostam de ler e menos ainda de Literatura. No Ensino Médio, a situação tende a se tornar pior, pois leem com a obrigatoriedade imposta pelo “fantasma” do vestibular.

Por um lado há uma desinformação por parte de alguns professores de literatura, por outro, um despreparo bastante grande, em todas as instâncias de ensino. Não se compreende ao certo o espaço que a Literatura ocupa ou deveria ocupar na escola. De um lado, os alunos não conseguem compreender o objetivo de ler uma obra literária e de conhecer um pouco mais sobre ela. De outro lado, muitas vezes o professor não consegue mostrar ao aluno a relevância dessa leitura e qual lugar pode ocupar na sua vida.

Diante dessa realidade há questionamentos quanto ao papel do professor na educação básica pública voltada para a formação de leitores de Literatura, levando em conta as particularidades etárias das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Podemos pensar, também, que papel o estudante de escola pública desempenha ou deveria desempenhar no processo de sua própria formação enquanto leitor de Literatura.

No que se refere ao professor, este, antes de tudo, precisa possuir uma base adequada de conhecimentos em psicologia, antropologia e sociologia, que o permita lidar com eficiência e objetividade a faixa de desenvolvimento dos alunos do ensino fundamental e médio. Procurar ser mediador de leitura, buscar informações a respeito de obras de literatura que possam interessar aos alunos durante seu desenvolvimento escolar. É importante que o professor estabeleça um elo entre o aluno e o texto literário. Somente depois de estabelecer um vínculo, pode-se pensar a ampliação do repertório de leitura, pela introdução de obras da tradição literária.

A falta de leitura por parte dos estudantes é um dos principais sintomas da crise do ensino de literatura. Essa carência acarreta outras: a dificuldade de entendimento dos textos; o desinteresse pela matéria escrita (o que dificulta a continuidade do processo de leitura e, portanto, o acesso ao mundo ficcional de uma obra); a dificuldade em se expressar oralmente (o que torna quase impossível a expressão do lido e a verbalização das próprias necessidades). A falta de proficiência na leitura acaba por comprometer a atuação do aluno tanto dentro como fora da escola. O que se dirá do acesso à obra literária? Se o aluno não domina a leitura, como poderá ter prazer em ler um conto ou um romance? O professor de literatura não pode ignorar a realidade de seus alunos.

Por outro lado, sabe-se que, infelizmente, muitos professores de Literatura consideram os alunos incapazes de entender um clássico da literatura, como Guimarães Rosa, Machado de Assis, entre outros, porque, como não leem, não possuem repertório suficiente para a obra de tais autores. Essa posição é absolutamente discriminatória e infeliz. Em vez de apenas condenar seus alunos, o professor deveria pensar uma sequência de obras a serem apresentadas, que fossem capazes de despertar o interesse. Machado de Assis não pode ser ponto de partida, mas deve colocar como ponto de chegada.

Como mediador da leitura literária, o professor deve ter como compromisso nos anos finais do Ensino Fundamental proporcionar uma melhor qualidade de leitura dos alunos, apresentando-lhes textos produzidos por jovens e também obras canônicas da Literatura Brasileira e universal interessantes e adequadas à sua faixa etária, à sociedade e à vida em geral. É importante ressaltar que o ensino de Literatura Brasileira reflete e expressa a nossa realidade e pode até ajudar a transformá-la.

Segundo CUNHA (1998, p.18), “O quadro relativo ao hábito de leitura no Brasil só poderá melhorar quando toda a postura do adulto relativa ao livro e à função dele na educação se modificar”. Na escola, o professor não deve apenas falar de textos, de autores, de literatura. Ao contrário, deve apresentar os livros para que os alunos convivam materialmente com as obras e possam lê-los, possam gradualmente se aproximar e entrar no universo da ficção.

## **LITERATURA E USO**

São muitos os prazeres da leitura, pois não lemos somente para saber, para entender e refletir sobre o que está sendo lido. Lemos, também, pela beleza da linguagem, para nos emocionar, ou, até mesmo, para nos perturbar, compartilhar, sonhar...

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. (Candido, 1995, p. 242)

Através da literatura, o aluno satisfaz suas necessidades, assumindo uma posição crítica em relação ao mundo, partindo das diferentes mensagens e indagações que esta oferece. Sabemos, no entanto, que a Literatura não está presente nas salas de aula de maneira satisfatória. Isso porque muitos professores a consideram como um conteúdo sem significação por não ter um objetivo técnico ou prático. Ou seja, só tem valor se acompanhada de algum ensinamento objetivo, exato e que possua estritamente um cunho pedagógico ou função pragmática. Talvez seja possível dizer que, sozinha, sem uso social ou finalidade pedagógica, a literatura perdesse sua pertinência dentro da escola.

Para que esse panorama seja alterado, faz-se necessário que o professor de literatura não se iniba de pôr em prática leituras, comentários ou interpretações que estimulem nos alunos à sensibilidade, o senso crítico, a capacidade argumentativa, visto que a literatura se apresenta como veículo criador e socializador da linguagem e dos valores que acreditamos nos identificar.

A literatura produz conhecimento, não por estar no currículo escolar, mas por retratar épocas, espaços geográficos e estilos de vida que não presenciamos, mas que tem relações com o que somos e como vivemos hoje. A busca da leitura prazerosa não impede a aquisição de saberes, pois esta sempre trará informações ao leitor.

Não existe um caminho preestabelecido para desenvolver um ensino efetivo da Literatura e, conseqüentemente, para desenvolver o hábito de leitura. Existem, no entanto, teses, pesquisas, estudos que buscam estratégias para que se possam formar bons leitores. Sabe-se que a literatura é um encontro entre duas sensibilidades: a do autor com a do leitor. (COSSON, 2006)

Não se pode esquecer que desenvolver o interesse e o hábito de leitura no aluno é um processo constante, que “deveria” começar bem cedo, em casa, ser aperfeiçoado na escola e, contínuo por toda a vida.

## CAPÍTULO I

### 1.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante estágio realizado para ensino de Língua Portuguesa com alunos do 1º ano do Ensino Médio, do I. E. E. Isabel de Espanha, localizado à Av. Senador Salgado Filho, 1579, Passo do Sabão, Viamão-Rs, com faixa etária entre 15 e 21 anos, pude assistir a algumas aulas de Literatura Brasileira e percebi quão deficiente está a aplicação dessa disciplina.

Na escola supracitada, somente um período semanal, de cinquenta minutos, é dedicado ao ensino de Literatura, o que já dificulta um projeto de formação de leitores em literatura brasileira. O professor não tem tempo hábil para desenvolver um trabalho de qualidade, pois quando, finalmente, começa a aplicar o conteúdo, já se passaram uns vinte minutos.

Percebi que os alunos não tem o menor interesse no assunto. Para eles literatura é “coisa” de menina boba, literatura é só poesia de amor, é “muito açúcar” (palavras deles).

O professor, que daqui para frente nomearemos de A, começou o conteúdo falando sobre Barroco, mais precisamente sobre “Os Sermões”, do padre Antonio Vieira. Os alunos, em sua maioria, não leram o texto oferecido pelo professor. Eram fragmentos de um sermão de Vieira. Não mostraram o menor interesse em ler. Ainda assim, o professor falou sobre Barroco, os autores dessa escola, suas características. O professor demonstrava a preocupação de cumprir com o programa da disciplina. Além disso, percebeu-se que a preocupação maior é demonstrar a presença das características barrocas no texto, do que propriamente abrir para a interação com os alunos.

Cinco aulas foram observadas e, em sua maioria, não transcorreram de maneira diferente. Uma notável apatia por parte dos alunos e do professor, que parecia cumprir uma carga horária e administrar o tempo de aula, mais do que trabalhar com literatura.

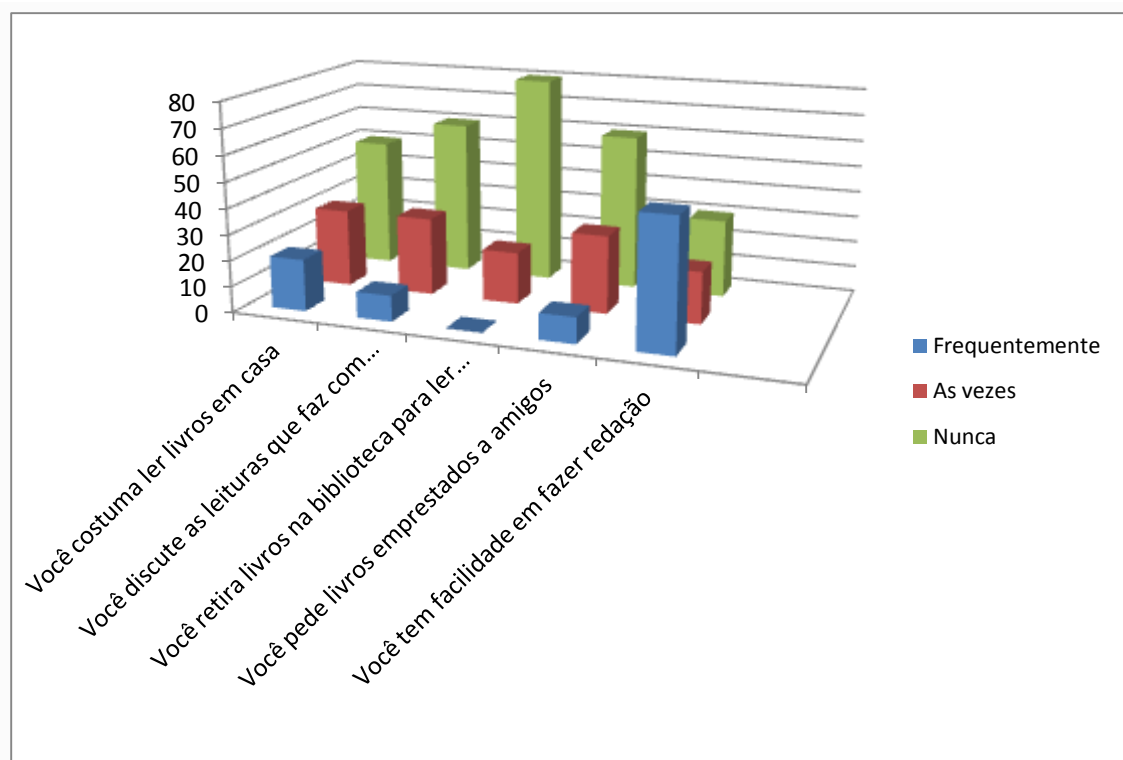


Durante esse período de observação ficou notório o distanciamento existente entre o aluno, o professor e a disciplina de Literatura Brasileira. Não foi percebido qualquer movimento por parte do professor para que esse abismo fosse transposto e, qualquer interesse por parte dos alunos para incentivar outra atitude. O que ficou claro, no entanto, foram a insatisfação, a desmotivação exposta por ambas as partes.

Esse desinteresse instigou-me a procurar entender o porquê dessa ocorrência. Baseada nesse questionamento formulei dois questionários (em anexo), o primeiro para avaliar o grau de leitura dos alunos dos três anos do Ensino Médio. Noventa alunos participaram da pesquisa, sendo trinta de cada ano. O segundo para avaliar a metodologia do professor, desse, participaram três professores de Literatura Brasileira. Dois deles já lecionam há mais de trinta anos, e o terceiro há três anos.

O questionário respondido pelos alunos era composto por doze perguntas. O gráfico abaixo demonstra o percentual apresentado por algumas delas, julgadas como mais pertinentes.

### GRÁFICO: HÁBITOS DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO



	Você costuma ler livros em casa?	Você discute as leituras que faz com alguém?	Você retira livros na biblioteca para ler em casa?	Você pede livros emprestados a amigos?	Você tem facilidade em fazer redação?
Frequentemente	15	07	02	07	30
Às vezes	25	25	12	25	15
Nunca	49	58	76	58	25

O que podemos observar pelas respostas objetivas ao questionário é que o hábito de leitura está constituído em poucos alunos das três séries. Como não tiveram ambiente propício em que a leitura fizesse parte do cotidiano, percebe-se que o livro, o jornal, a revista ou outros veículos não despertam interesse. Por isso, duas marcas fortes indicam a excepcionalidade da leitura. Eles não discutem o que leem, não compartilham. E a leitura de literatura não é suficientemente importante para ocupar o tempo livre. Apenas dois alunos indicam que pegam espontaneamente um livro de literatura para ler. Interpelados quanto à forma de aproveitamento do tempo livre, somente DOIS alunos declararam destinar esse tempo para leitura.

Questionados sobre o nome de autores da nossa literatura, todos declararam conhecer algum, no entanto, somente apareceram: *Guimarães Rosa, Mário Quintana, Paulo Coelho e Machado de Assis*.

A preferência de leitura apresentou gêneros variáveis entre aventura, amor, terror, poesia, crônica, policial, ficção científica e guerras, mas não indicaram nenhuma obra correspondente a esses gêneros. É provável que eles tenham uma concepção de gênero a partir mais de filmes do que leitura de literatura.

O questionário destinado aos professores, composto por cinco perguntas, confirmou a apatia já descrita. Os professores que já lecionam há mais de trinta anos mostram-se apáticos e não inovam em sua metodologia. O professor que leciona há três anos, no entanto, busca inovar. Nomearemos os professores mais experientes como *A* e *B*, que trabalham apenas com 1º e 2º anos do Ensino Médio. O professor mais novo, nomeado *C*, trabalha com os três anos.

Antes de prosseguir, cabe rapidamente apresentar os três docentes. Observei aulas dos três professores, a partir do que passo a um esboço de cada um. Os dois primeiros, há mais tempo na escola, possuem uma metodologia de trabalho semelhante, enquanto o terceiro, mais preocupado com os alunos, procura novas propostas. Os dois primeiros trazem fragmentos de textos para discutir a escola literária apresentada. Os textos literários trabalhados restringem-se a esses trechos, e a concepção de literatura fica restrita ao estilo de época a partir de uma

historiografia tradicional. O terceiro pergunta aos alunos o que leem. Como resposta espontânea, os alunos dizem ler Paulo Coelho, Luís Fernando Verissimo, mas não especificam uma obra, nem o gênero literário. A partir daí, o professor tenta trazer esses autores para sala de aula. Levou crônicas e contos para serem discutidas em aula. Além disso, trouxe um dos livros de Verissimo para mostrar como a publicação definitiva é feita. Aparentemente os alunos gostaram desse trabalho.

Questionados quanto ao critério usado na seleção dos livros que trabalham em aula, os professores *A* e *B* selecionam livros do seu gosto dentro do estilo de época. A linha organizadora é a história da literatura. O professor *C*, como seu viu acima, por sua vez, sonda o gosto de leitura dos alunos e busca trazer livros que atenda a esses interesses.

Entre os autores mais trabalhados, o professor *C* apresentou Clarice Lispector e Rubem Fonseca, contistas, para despertar o interesse pela leitura. Depois, apresenta os clássicos como Gregório de Matos, por exemplo. Os professores *A* e *B* trabalham Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, porque os alunos tem que conhecer esses autores.

A questão três refere-se aos artifícios usados para provocar o interesse do aluno pela leitura literária. O professor *C* procura traçar paralelos com a realidade do aluno. Os professores *A* e *B* comentam sobre o enredo da obra.

Quanto à metodologia usada para trabalhar a leitura de um livro com os alunos, questão quatro, mostrou o seguinte: O professor *C* explica sobre os benefícios que a leitura pode trazer na formação do aluno como indivíduo e como ser crítico, pensante. Os professores *A* e *B* pedem que os alunos façam a leitura dos textos, depois, comentam sobre o enredo, as personagens e o autor. Pelas aulas observadas dos docentes *A* e *B*, não é exatamente esse o trabalho realizado. Eles leem o fragmento e dizem a qual período ou estilo de época a obra se refere.

A questão cinco refere-se ao objetivo da atividade de leitura literária. O professor *C* visa ampliar o conhecimento do aluno a fim de fazê-lo crítico e ativo na sociedade. Os professores *A* e *B* visam à promoção dos cânones, pois julgam importante que os alunos conheçam os grandes autores da literatura brasileira e que os conteúdos sejam apresentados.

Essa pequena pesquisa, é claro, não mostra o panorama geral do que acontece entre professores e alunos em relação ao ensino de Literatura, mas reflete o que ocorre em uma determinada escola. Durante a pesquisa percebeu-se uma tentativa de inovação para uma situação já acomodada, “engessada”.

## 1.2 MÉTODO DE ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA

Apesar das iniciativas de pesquisa desenvolvidas no Brasil desde a década de 80, o panorama brasileiro na área da leitura literária ainda é de desencanto (SILVA; BORDINI & AGUIAR). De acordo com o Ministério da Cultura, o brasileiro lê apenas 1,8 livros *per capita/ano*, índice que, se comparado com países europeus ou mesmo com vizinhos latino americanos, como a Colômbia, com 3,4 livros por ano por habitante, revela o quanto estamos aquém do mínimo desejável.

Os adolescentes, em sua maioria, não gostam de ler e não tem o hábito da leitura, fato que provoca grande preocupação entre pais e professores. Esse descaso com a leitura concorre para a precariedade do vocabulário desses jovens. Além disso, por vezes, nem eles mesmos conseguem entender o que leem, não conseguem argumentar nem opinar de forma clara e conveniente, não conseguem refletir sobre si e, nem sobre o meio em que vivem e, muitas vezes, não tem assunto suficiente para estabelecer um diálogo. Mais do que ter problemas pontuais, podemos perceber que não ocorre o letramento, enquanto prática social de leitura e escrita. Os vários usos da escrita, enquanto leitura e produção, ficam em grande parte fora do alcance dos jovens.

A escola, por sua vez e, com certa frequência, usa de metodologia e abordagem ultrapassadas para desenvolver um trabalho de leitura em sala de aula. Para piorar essa situação, o mau uso das tecnologias contribuem para esse estado de acomodação do estudante. Esse uso incorreto traz falsas facilidades e exige, no que diz respeito a habilidades e reflexões, pouco empenho por parte do adolescente.

Na escola atual, cada vez mais se faz necessário um trabalho criativo, quer seja com a leitura de textos literários ou não. A sociedade e o mercado exigem a interpretação de textos,

deixando à escola a responsabilidade em formar esse cidadão-leitor. Em relação aos textos literários, tal trabalho se faz urgente.

Os alunos estão chegando ao Ensino Médio com enormes dificuldades na leitura e na interpretação de textos, fato que evidencia o privilégio de um ensino de Língua Portuguesa que foca mais regras gramaticais, fora do contexto da leitura e da produção.

Especificamente quanto à literatura, a abordagem de textos literários em sala de aula dá-se preponderantemente através do livro didático ou de apostilas. Restringe a análises de fragmentos de textos como pretexto para o ensino de Gramática, motivo para produção textual ou exemplo de um estilo de época.

Diante desse triste retrato faz-se necessário discutir estratégias para melhor desenvolver a leitura literária em sala de aula, levando o aluno a interagir com o texto literário proposto. Para tanto, é importante discutir como a leitura e a Literatura estão envolvidas nas aulas de Língua Portuguesa; discutir acerca do tratamento destinado, pelo professor, à Literatura, na elaboração do seu plano de aula; e as estratégias mais usadas no ensino desta. Deve-se pensar no local onde a Literatura se encontra, hoje, nas escolas públicas brasileiras, bem como refletir sobre a maneira como está disposta no currículo e apresentada na sala de aula.

É papel do professor de língua portuguesa ou de literatura buscar realizar na escola um trabalho que desenvolva todas as possibilidades do seu aluno. Assim, considerando a literatura se dá pela experiência de leitura do texto, o professor deveria criar condições para que o aluno se torne leitor. Isso implica capacidade de se posicionar perante uma obra, de responder ao que o autor colocou, de escolher e justificar suas leituras... Enfim, a leitura deve levar a uma resposta do aluno, em forma oral ou escrita, exercitando literatura enquanto uma prática social relevante.

Para Antonio Candido, a literatura tem a ver com o todo, com o universo simbólico, com o social e com o ideológico. Verificando estes aspectos percebe-se quão profundo é o pensamento de Candido quando discorre sobre a literatura. Ele comenta:

A literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou

social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (CANDIDO, 2006, p. 53)

Como se vê, além de responder a uma necessidade simbólica de mergulhar no imaginário, a literatura fornece modelos para organizar a experiência pessoal. Difere de outras formas estéticas, por desenvolver o uso da linguagem verbal.

### **1.3 A AULA DE LITERATURA PELO OLHAR DO PROFESSOR**

O professor de Literatura Brasileira vê-se diante de um processo crescente de desinteresse por parte dos alunos em relação à disciplina. Fato que provoca mal estar entre todos. Sente-se desorientado ante a perspectiva de “falha” na aplicação dos conteúdos e desenvolvimento do seu trabalho. Como justificar a relevância da literatura para o aluno, seja de escola pública ou particular? Como interessá-lo? Como dar condições para que se forme leitor? Parece que o objetivo da aula de literatura não se realiza.

Está preso à metodologia arcaica exigida pelos currículos das escolas, usa de velhas estratégias que não produzem o resultado esperado por ele e não se sente motivado nem apto para promover mudanças. Não se sente preparado para desenvolver um trabalho que desperte o interesse do aluno ou um método que vise aproximar a literatura da realidade desse.

É notório que o professor, não só de literatura brasileira, mas, também, os de outras disciplinas, vivenciam cotidianamente problemas que interferem em seu fazer pedagógico e afetam diretamente sua motivação e seu envolvimento com seu trabalho.

O professor enfrenta, ainda, os problemas de infraestrutura das escolas, aliados às dificuldades cotidianas da gestão escolar, configurando um grande desafio, não só para o ensino de literatura brasileira mas, para o ensino como um todo.

A formação acadêmica infelizmente não dá ênfase à leitura, o que é contraditório, pois não se contrata um padeiro que não saiba fazer pão. As salas de aula, no entanto, estão cheias de professores que, apesar de não lerem, tentam ensinar leitura. Muitas vezes, não há reflexão,

por parte do professor, sobre sua prática pedagógica. Creemos que, se o objetivo é formar um leitor de literatura, deveríamos priorizar as condições para que o aluno venha se tornar leitor.

#### 1.4 A AULA DE LITERATURA PELO OLHAR DO ALUNO

A aula de Literatura Brasileira, hoje, está longe de ser algo aprazível para o aluno. Há um desconforto quando ouvem a palavra “Literatura”. Sentem-se remetidos a um tempo distante físico e culturalmente. Não veem sentido em estudar assuntos que, segundo eles, *não são da sua época*. Relacionam Literatura com amor, romance...

O ensino de literatura nas escolas tem-se restringido à história da literatura brasileira e portuguesa, exigindo do aluno, por exemplo, que decore o fato de que o início do romantismo no Brasil se deu com a publicação, em 1836, de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, ou que o barroco se caracterizava, dentre outras coisas, pelo teocentrismo. Ao mesmo tempo exige-se a leitura de alguns livros enfadonhos, como, por exemplo, os de José de Alencar.

Sentem-se obrigados a ler obras de ficção de séculos passados. Esperam uma proposta de leitura que os levem a ler obras da atualidade. Será que o estudo de obras, nacionais ou estrangeiras, que tratam de questões reais do mundo contemporâneo, como a globalização e a poluição, por exemplo, não é mais relevante que o estudo de obras ficcionais?

Ficam limitados no processo de construção do conhecimento, pois lhes são apresentados métodos tradicionais de leitura. É possível inserir o gosto pela leitura, se os textos e livros forem trabalhados de forma motivadora. O professor deve dar oportunidades ao aluno de interagir, por exemplo, ler em voz alta, assim como produzir trabalhos escritos. E evitar que somente ele seja o transmissor de conhecimento, é imprescindível o diálogo entre professor e aluno.

No ensino médio, os estudantes não são entendidos na sua condição de jovens, e esta é uma das tensões que perpassam a experiência deles na escola.

Tanto a escola (principalmente os professores) quanto os jovens alimentam expectativas. Enquanto a escola espera receber sujeitos “mais interessados, mais adultos”, os jovens buscam uma escola aberta à interlocução, às suas práticas, às suas demandas e necessidades. O que não acontece, pois não houve uma readequação das escolas para atender essa nova e crescente clientela, tão diferente da escola do final da década de 80 (elite/trabalhadores) e dos anos 90 (universalização da educação básica, LDB).

## **CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentadas as reflexões a respeito do que julgamos importante ao se falar de ensino de literatura, acaba-se por tocar em questões ligadas à leitura, pois compreendemos a obra é uma máquina preguiçosa que apenas tem energia para funcionar quando o leitor vai ativá-la. Por isso, falar de literatura na escola é falar de formação de leitor.

Cabe ressaltar que seria mais proveitoso se o professor de Literatura Brasileira praticasse mais a Literatura. Além de ser um leitor, seria importante explorar a sensibilidade que o aluno possui, abrindo-a e prolongando-a. Nesse caso, cabe partir da experiência do aluno para trazer outras obras que ampliem o repertório. Não se trata apenas, como acreditam os professores *A* e *B*, que o cânone seja apresentado, se autores e obras não forem pertinentes para os alunos. Quanto às aulas de língua portuguesa, cabe mostrar que a literatura não serve só para o ensino da Gramática ou expandir vocabulário...

O ensino de Literatura Brasileira apresenta-se, hoje, como um terreno arenoso onde não se sabe ao certo onde pisar. Cabe ao professor buscar terra firme por onde possa guiar seu aluno. Faz-se necessária uma mudança na forma de ensinar Literatura. Buscar uma maneira que desperte o interesse, que motive o aluno a ler e escrever para dessa forma torná-lo leitor literário e crítico.

Avaliar a metodologia aplicada para esse ensino é fundamental. Será que nos dias de hoje, onde o déficit de leitura é alto, é proveitoso iniciar o ensino de Literatura a partir do Quinhentismo? Ou, seria mais proveitoso e aplicável se iniciássemos esse estudo pela contemporaneidade? Dessa forma a aproximação do aluno com os textos literários não teria



um melhor efeito? Começar a ensinar Literatura, desde as séries iniciais, a partir da Literatura Infantil, não poderia ser um caminho? Vale pensar.

As divisões da história da literatura ajudam e, ao mesmo tempo atrapalham a vida do leitor. No caso de estudos para uma prova ou para o vestibular, elas ajudam, porque simplificam a complexidade e a variedade dos estudos dos escritores; no caso da leitura desinteressada, feita por prazer, elas atrapalham, porque obscurecem as diferenças individuais, que são responsáveis pelo sabor artístico da literatura. (FISCHER, 2001, p.07)

O professor não deve se prender ao pré- julgamento de que o aluno não lê, porque ele o faz. Pode não fazer de maneira que atenda às necessidades do professor. O aluno pode ler pouco, mas lê. E o professor deve estar atento a esse mínimo de leitura que o aluno faz para aumentar seu interesse. É desse pouco que o professor pode fazer muito. Há uma tendência por parte dos professores de não acreditar no potencial do estudante e meramente apresentarem a história da literatura esquecendo da experiência desse aluno leitor.

Seria interessante repensar critérios ao se falar de indicação de obras literárias para os estudantes em geral. Deveria haver um equilíbrio entre a indicação de livros pelo professor e a escolha dos alunos. Deixar que eles escolham o que lhes agrada ler pode ser o ponto de partida para, daí, levá-los a uma reflexão sobre a obra escolhida, articulando com outros autores indicados pelo professores. Em todo caso, cabe incitar o aluno a comentários ou interpretações que desenvolvam sua sensibilidade, seu senso crítico, sua capacidade argumentativa.

A organização de feiras literárias e saraus no espaço escolar pode ajudar a inserir ao aluno no mundo da Literatura. Pode-se levá-lo a pesquisar biografias sobre seus autores preferidos e, a partir daí, socializar essas informações, através da leitura, com a mediação do professor, ou caberia instigar aos alunos para a produção de textos inspirados nas obras já lidas. Essas sugestões tem em comum o fato de incentivarem os alunos a responderem ao que leram, tornando públicas suas produções. No caso, a leitura torna-se uma ação e uma intervenção que valoriza a posição desse jovem leitor.

Embora possa parecer, a Literatura não desapareceu da sala de aula, apenas passou a ser tratada de maneira equivocada muitas vezes. Seu espaço confunde-se com o ensino da leitura e da escrita na formação do aluno. As obras canônicas da nossa literatura sempre conviveram

em harmonia com textos infantis, ampliando o diálogo com a cultura do passado e do tempo do aluno.

Enquanto a presença da literatura na escola decresce, intensifica-se o debate sobre a formação do leitor literário e sobre o papel da escola nessa formação. Destituída de seus poderes tradicionais, na escola e no mundo, a literatura precisa ser justificada como bem cultural relevante para a aquisição de uma consciência estética, histórica e moral. Defendemos, neste texto, que a circulação da literatura na escola deve contemplar a dimensão social das práticas de leitura, evitando-se o seu esvaziamento pelo discurso pedagógico e preservando-se o jogo estético entre leitor e texto; que o foco das práticas educativas em torno da literatura deve ser o encontro entre o leitor e o texto e não o texto como ilustração de conceitos. Procuramos delinear o cenário do debate e apontar o principal obstáculo para a orientação do ensino literário nesse sentido: a formação literária do professor. (GOMES, 2010, p. 1/11)

O texto literário é de suma importância, assim como sua análise, para aproximar o aluno do universo da literatura. Através dele é possível ampliar no aluno sua capacidade de expressão, levando-o a viver experiências alheias e vivenciadas no imaginário pessoal. O texto a ser lido foi escrito por alguém, como expressão literária. Cabe permitir ao aluno que possa responder a esse texto, a partir de sua experiência pessoal, para que, pelo diálogo, possa desenvolver o domínio da linguagem, aprimorando sua capacidade de escrita e de fala.

As experiências de leitura tendem a desenvolver a capacidade intelectual do aluno, para torná-lo um ser reflexivo, ator, capaz de explorar as riquezas de seus gestos, de representar papéis.

O professor pode, e deve, aproveitar todas as possibilidades didáticas dos recursos audiovisuais e mídias eletrônicas para estimular seu aluno à leitura, contribuindo dessa forma para um melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem tanto no ensino de língua como o ensino de literatura.

O fortalecimento do ensino da literatura requer uma interseção entre os estudos literários acadêmicos e uma pedagogia crítica, o que passa necessariamente pela formação do professor. Em um mundo dominado por tecnologias visuais e pela cultura do entretenimento, é preciso rediscutir os objetivos de ensinar e estudar literatura, a relevância da educação literária

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Helena Saldanha; BECKER, Paulo. **Questões de Literatura**. Universidade de Passo Fundo. Ed.UPF, 2003.
- BORDINI, Maria da Glória. & AGUIAR, Vera Teixeira de. **A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas**. Ed. Mercado Aberto, 1993.
- CALVINO, Ítalo. **Por que Ler os Clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Ver. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1998.
- GOMES, Inara Ribeiro. **Sobre “por que” e “como” ensinar Literatura**. Porto Alegre, PPGLET- UFRGS, v. 6, n. 2, jul/dez 2010. p.1-11.
- LEALY- DIOS, Cyana. **Educação Literária Como Metáfora Social: Desvios e Rumos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PAULINO, Graça. **Formação de Leitores: a questão dos Cânones Literários**. Universidade do Minho, Braga/Portugal, Revista portuguesa de Educação, vol.17, número 1,2004. pp.47-62.
- Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Estado da Educação**. Porto Alegre: SE/Departamento pedagógico, 2009.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. Literatura e pedagogia: interpretação direcionada a um questionamento. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

**ANEXO 1****Questionário sobre hábitos de leitura dos alunos****Dados Pessoais**

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo:  F       M  
Série: \_\_\_\_\_

1. Como você usa seu tempo livre?
2. Você costuma ler livros em casa?  
 frequentemente       às vezes       nunca
3. Que tipo de livros você prefere?  
 amor     aventura     terror     crônica     policial  
 ficção científica     guerras     poesia     religião  
 viagens     outro tipo  
Qual?
4. Como você escolhe um livro para ler?  
 pela capa  pelo resumo  pelo autor  por indicação (de quem?)
5. Você discute as leituras que faz com alguém?  
 frequentemente     às vezes     nunca  
Com quem?
6. Você retira livros na biblioteca para ler em casa?  
 frequentemente     às vezes     nunca
7. Você pede livros emprestados a amigos?  
 frequentemente     às vezes     nunca
8. Você lê:  
 revistas       jornais
9. Você tem facilidade em fazer redação?  
 sim       não
10. Qual o último livro que você leu? Há quanto tempo?
11. Cite um ou mais livros que você já leu e que mais gostou. Diga a razão pela qual gostou do/s livros.
12. Você sabe o nome de algum autor da nossa literatura? Já leu alguma obra dele? Qual?

**ANEXO 2****Questionário sobre a metodologia do professor****Dados Pessoais**

Nome (opcional):

Idade:

Sexo: ( ) M

( ) F

Tempo de Docência:

Série:

- 1) Que critérios você usa na seleção de livros da Literatura Brasileira que trabalhará em aula?
- 2) Que autores da Literatura Brasileira você mais trabalha e por quê?
- 3) Que artifícios você usa para provocar o interesse dos alunos pela leitura literária?
- 4) Qual a metodologia para trabalhar a leitura de um livro com os alunos?
- 5) Por que e para que você promove uma atividade de leitura literária?